

As metas, um exercício de futurologia?

O ex-ministro da Indústria e do Comércio do governo Médici, deputado federal Marcus Vinicius Pratiní de Moraes (PDS-RS), mostrou-se cauteloso, ontem à noite, em Porto Alegre, ao comentar a viabilidade das metas de desempenho da economia brasileira em 1984 fixadas na nova carta de intenções do governo com o Fundo Monetário Internacional. "Se é possível reduzir a inflação para 60% no ano que vem, é um exercício de futurologia que eu não me animo a fazer. Atualmente, prever qualquer coisa além de 24 horas é futurologia", afirmou Pratiní de Moraes, em entrevista no aeroporto Salgado Filho, ao chegar de Brasília.

O parlamentar governista frisou que ainda não dispõe de condições para fazer uma avaliação mais profunda sobre a nova carta de intenções, pois não a analisou em detalhes. Sobre a possibilidade de zerar o déficit público em 1984, Pratiní de Moraes comentou apenas: "o ministro do Planejamento vai nos encaminhar na próxima semana a lista dos cortes nos gastos

públicos. Depois de ler eu me pronuncio".

Sobre os termos gerais da carta, o ex-ministro comentou que o fundamental não é, na realidade, analisar a sua viabilidade ou não; "O Brasil não tem margem de manobra; é isso que quer dizer a carta. Portanto, chegou o momento de conquistar essa margem de manobra". Isso só poderá ser feito, reiterou, através da renegociação da dívida externa "a nível político. Mas é preciso acrescentar que nós não vamos obter margem de manobra com inflação a 180% ao ano".

O governo negociou mal a dívida brasileira com as duas primeiras cartas de intenções ao FMI, segundo opinião do vice-presidente do Banco Itaú, Luís Carlos Ferraz Levy, manifestada ontem, em Imboí Grande. Para ele, o governo aceitou algumas propostas de fundo, que não tinham as mínimas condições de cumprir, e acabou perdendo a credibilidade junto aos bancos internacionais. "Agora, o governo está tendo que recomeçar tudo", disse Luís Carlos Levy.